



MAMÃE FALEI E MELODRAMA – A RENOVACÃO DO IMAGINÁRIO DA DIREITA POLÍTICA BRASILEIRA

MAMÃE FALEI AND MELODRAMA – THE RENEWAL OF THE BRAZILIAN POLITICAL RIGHT'S IMAGINARY

Arthur Luiz Cavalcante de Macêdoⁱ

RESUMO – Neste ensaio, realizamos uma análise das abordagens argumentativas utilizadas por Arthur do Val, conhecido pelo nome de seu canal do YouTube, Mamãe Falei, em quatro vídeos selecionados na plataforma. A perspectiva melodramática presente nesses vídeos pode ser pensada como um modo de apresentar a direita política brasileira sob um novo imaginário e que culmina numa série de efeitos de sentido. Como trajeto metodológico, o ensaio é dividido em duas partes: na primeira, há um trajeto teórico sobre o fenômeno Youtube e seu algoritmo; depois, são apresentados conceitos de Ciência Política e relatos de professores e alunos universitários brasileiros em constantes embates políticos pessoais e institucionais; e, ao fim da primeira parte, a conceituação de

Melodrama para a análise audiovisual. Na segunda parte do ensaio, analisamos os vídeos e aplicamos os conceitos anteriormente explicitados. Nossa hipótese defende que Arthur do Val se tornou um dos mais importantes ativistas da direita dos últimos anos, aliando a lógica dos algoritmos para criar grupos no desenvolvimento e consolidação de uma narrativa política, ao mesmo tempo em que tensiona padrões hegemônicos universitários sobre o que é ser de direita.

PALAVRAS-CHAVE – Youtube; Mamãe Falei; Melodrama; Direita; Liberalismo.

ABSTRACT – In this essay, we carry out an analysis of the argumentative approaches used by Arthur do Val, known



by the name of his YouTube channel, Mamãe Falei, in four selected videos on the platform. The melodramatic perspective present in these videos can be thought as a way of presenting the Brazilian political Right under a new imaginary that culminates in a series of meanings. As a methodological path, the essay is divided into two parts: in the first, there is a theoretical path about the YouTube phenomenon and its algorithm; then, concepts of Political Science and reports of Brazilian university professors and students are presented in constant personal and institutional political clashes; and, at the end of the first part, the conceptualization

Introdução

Por meio da internet, a atuação dos indivíduos trouxe novos olhares do que é ser um ator político. Em 2013, manifestações massivas tornaram-se possíveis por meio da interação de usuários insatisfeitos com governantes e com o papel do Estado. Durante o processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff ("Fora Dilma"), cada vez mais brasileiros se inserem em grupos e mídias sociais com engajamento político. Depois do processo, outras manifestações almejam o legado da anterior ("Fora Temer"). Nesse contexto, o ativista político Arthur do Val, conhecido pelo seu canal no Youtube Mamãe Falei, cria vídeos de suas idas às manifestações. Em 2015, seu canal se dedicava a elucidar aspectos do pensamento político de direita e, em 2016,

of Melodrama for audiovisual analysis. In the second part of the essay, we analyze the videos and apply the previously explained concepts. Our hypothesis argues that Arthur do Val has become one of the most important right-wing activists in recent years, combining the logic of algorithms to create groups in the development and consolidation of a political narrative, while at the same time stressing hegemonic university standards about what is be right.

KEYWORDS – Youtube; Mamãe Falei; Melodrama; Right; Liberalism.

começou a abordar manifestantes na rua, questionando-os sobre suas ideias, ao mesmo tempo em que inseria seu olhar sobre os fenômenos abordados. Em 2018, se elegeu como Deputado Estadual por São Paulo, com quase 480 mil votos, ficando em segundo lugar nos mais votados. Em 2019 e 2020, seu canal ganhou o Prêmio Influenciadores Digitais (PRÊMIO, 2021).

Com as chamadas “esquerda” e “direita” presentes nas redes sociais, agora o país avança numa direção verdadeiramente democrática, na qual há participação dos diversos pontos de vista do espectro político e organização em torno de pautas comuns, criando assim os espaços para debates construtivos. Isso, em teoria. Na prática, vemos uma sociedade regida, à esquerda e à direita, por algoritmos



que cada vez mais separam esses grupos em tribos, numa lógica de proteção violenta, custe o que custar, de suas ideias de sociedade.

Tendo em vista a proteção violenta de ideias, a exclusão da discordância e o ativismo político nas redes, este ensaio analisa o trabalho de Arthur do Val em seu canal do YouTube Mamãe Falei. Trazemos a hipótese de que, através de seus vídeos, ele: (1) se tornou um dos principais catalisadores para o processo de mudança do imaginário sobre a direita política no Brasil; (2) catalisou a necessidade de uma verdadeira inclusão democrática nos debates políticos de um grupo academicamente silenciado.

Nossa principal hipótese é que a assimilação do imaginário renovado se deveu ao uso do melodrama, gerando a consequente construção de um novo olhar para a direita brasileira.

YouTUBE, Arthur do Val e MBL

Através do *streaming* de vídeo, canais com conteúdo político das mais diversas vertentes podem ser encontrados com uma simples busca de palavras-chave. Tanto quem produz quanto os inscritos (usuários que recebem notificações sobre novos vídeos postados) se envolvem e contribuem para um caráter libertário de participação política. Como engajamento, também usam *hashtags* e *memes* inseridos num contexto signífico para fácil identificação de interesses comuns. Há construção e reivindicação de identidades, além do embate entre a grande mídia (o

modo convencional de fazer reportagens, notícias etc.) e o ciberativismo, o que inclui, também, movimentos organizados pela internet contra esse *establishment*. Portanto, o YouTube vai além de uma simples plataforma de postagem audiovisual. O que existe é uma cultura participativa, tendo em vista a baixa dificuldade em se compartilhar conteúdo – cria-se um vídeo, faz-se o upload e um link é gerado para acessá-lo – e os usuários se conectam não apenas com o assunto do vídeo, mas com a comunidade a qual pertencem.

Tal pertencimento também é estimulado através das recomendações: algoritmos filtram palavras-chave e criam um ambiente personalizado, isto é, que apresentam para o usuário algo relevante dentro de seus interesses. O uso de *machine learning* otimiza recomendações em ranking para usuários. "[...] o algoritmo leva em consideração o histórico de atividades do usuário (vídeos assistidos, interações, assinaturas de canais, comentários, buscas anteriores e demografia) como variáveis para produzir uma amostra [...]" (REIS et al, 2019, p. 10-11). A próxima etapa ordena essa seleção para criar uma lista de recomendações. Há uma pontuação (*score*) para cada vídeo, na qual se utilizam recursos que agem sobre as atividades do perfil e outras informações - *likes*, *dislikes*, título do vídeo, visualizações etc.

Com os algoritmos, os usuários recebem notícias que reafirmam sua visão de mundo. Do mesmo modo que um cliente acessa uma livraria online e o algoritmo, com base nos títulos escolhidos,



vai traçando recomendações similares, um usuário de rede social, que segue políticos e organizações sociais pertencentes ao seu próprio espectro político, também fica restrito aos seus pares. Para um processo verdadeiro de inclusão, isso é trágico. A internet, ao invés de ser uma polis com apreço por visões distintas, tornou-se uma arena na qual o "vencedor" é aquele que grita mais alto, "lacra" (à esquerda) ou "mita" (à direita)¹.

Mas o algoritmo apenas exacerba uma característica já existente de grupos humanos – se a tribo existe amplificada nas redes sociais, fora dela sempre existiram grupos dispostos a desqualificar o outro. E nesse processo de desqualificação, há um pêndulo: o extremista adjetiva dentro de uma moral, ao mesmo tempo em que exalta a si mesmo. O outro, por pensar diferente, é ruim, desinformado, ignorante. Já quem profere tais adjetivos, é bom, inclusivo, empático. Quem pensa da mesma forma, saiu da caverna de Platão; quem discorda, está acorrentado nas sombras. E nisso influi, também, um imaginário cristão. De um lado, quem está com Cristo e, do outro, quem está com o Anticristo. Um é o acerto e o outro, o erro. Dessa forma maniqueísta, líderes advogam quem está "pelo povo" e "contra o povo", homogeneizando-se o complexo. O inimigo da vez é não-ariano (para o

¹ Os verbos "lacrar" e "mitar" são constantemente utilizados em publicações quando há um apelo retórico em alguma resposta, isto é, alguém "lacra" o assunto discutido com uma frase de efeito ou se torna um "mito" ao fazer o mesmo.

hitlerismo), o capitalista (para o comunismo), o comunista (para o capitalismo) e assim a lista infinita se constrói.

Nesse contexto de ciberativismo, o Movimento Brasil Livre (MBL) foi uma das organizações que ativamente participaram do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff. Da escrita deste ensaio, o MBL consta com 1,25 milhão de inscritos em seu canal do YouTube, 658 mil seguidores no Instagram e 489 mil no Twitter. O atual deputado federal Kim Kataguiri, um dos fundadores do grupo, tem 884 mil seguidores e 800 mil inscritos. Ou seja, o MBL é relevante nas redes sociais e sua mensagem chega a muitos.

A opinião comum dos opositores ao trabalho de Arthur do Val é aquela em que denuncia a manipulação através do corte nos vídeos. Em outras palavras, pelo fato dos vídeos interromperem as falas, significa que induzem de maneira errônea o espectador, tirando-as de contexto. Arthur do Val comentou sobre tais críticas em seu vídeo **Duas Conversas Inteiras na UFRGS** (MAMÃE FALEI, 2016a): "Se você quer expor o seu ponto de vista usando minha imagem, manda brasa, cara. Vai lá. Entendeu?". Em outros vídeos, ele também afirma para ativistas que endossam essa crítica a necessidade deles também pegarem a câmera para, se puderem, colocá-lo numa "saia justa". Nessa lógica, na qual o celular é um item quase que universal em sua presença social, é possível que todos possam filmá-lo, de



qualquer ângulo e a qualquer tempo, para mostrar seus pontos de vista e demonstrar sua suposta manipulação. No mesmo vídeo, ele afirma:

Esclarecendo: o meu canal **não** é imparcial. Ele mostra a minha visão. A minha intenção é justamente mostrar que tem muita gente lá [nas manifestações] defendendo algo que não sabe. “Ah, um ou outro sabe”. Beleza, nós vamos discordar, mas o vídeo vai ficar chato. Mas o ponto principal é: tem muita gente lá servindo de massa de manobra (MAMÃE FALEI, 2016a).

Aqui, enxergamos uma inversão do caráter tradicional da mídia sobre as intenções de cada veículo. Ainda paira sobre certa camada social que a mídia deveria ser (ou, até mesmo, é) neutra. A notícia dada significa fato. Não há interesses envolvidos que são silenciados, apenas a necessidade de informar, da melhor forma possível, quem assiste ou lê notícias. Porém, é impossível que veículos de mídia não pendam para certos lados políticos, sociais ou econômicos. Redes de televisão, por exemplo, têm patrocinadores, espectadores de uma certa camada política (mais do que de outra) e, como negócios, planejam expansão ou, no mínimo, a sustentabilidade de seu mercado. Quando Arthur do Val explicita que seus vídeos têm lado - o que reflete a opinião de seu produtor / dono do canal - há um processo de transparência. A lógica do desinteresse, a qual afirma que o veículo é neutro, se inverte: quem informa “melhor” é quem diz a que veio, qual sua visão de

mundo e o que deseja alcançar. A mensagem é clara: é melhor que saibamos de antemão qual a linha editorial-política de uma Carta Capital ou Instituto Mises Brasil do que confiarmos no absurdo de sua neutralidade. Isso, por sua vez, potencializa ainda mais a mensagem de Arthur do Val - se alguém acreditou, a vida inteira, que veículos não têm lado, é melhor saber que foi enganado e que o canal (Mamãe Falei, nesse caso) informa “melhor” quem assiste, num caminho cujas conclusões são previamente conhecidas: Arthur do Val é liberal. Se sua visão liberal é o propósito, em cada vídeo encontra-se o método pelo qual a mensagem será passada. Porém, o dinamismo de seus vídeos depende do contexto específico e único das manifestações, apesar das repetições na estrutura planejada.

O cenário brasileiro: polarização e extremismo

Ao contrário do senso comum, não consideramos que o fenômeno chamado polarização seja algo intrinsecamente maléfico. É necessário haver polarização em qualquer sociedade que se diz democrática. O fascismo hegemônico se dá quando não parece existir discordância. Seja um debate sobre aborto, cotas raciais ou privatização da Petrobrás, a verdadeira inclusão é aquela na qual quem concorda e quem discorda são igualmente ouvidos. Porém, devido ao aspecto tribal dessas disputas, é comum a caracterização do outro no campo moral. Ao discordar, não somos apenas agentes pensantes que



seguem outro raciocínio, paradigma ou autor, mas “vilões”, um mal que precisa ser extirpado, ou como disse o escritor George Orwell (2009), **vaporizado**.

Portanto, faremos uma distinção entre as noções de polarização e extremismo: a primeira, uma forma do sujeito perceber a si e aos outros numa diferenciação política; a segunda, uma porta de entrada para a culpabilização do outro por pensar diferente. “[...] o termo Extremismo traz implícita uma conotação negativa” (BOBBIO, 1983, p. 467). Alguém ser a favor de cotas raciais pode criar a hipótese, num primeiro momento, de que haja apreciação pela social-democracia, numa luta constante para garantir direitos àqueles que ficaram à margem da atuação do Estado; alguém ser contra cotas raciais pode criar a hipótese, num primeiro momento, de que haja alguma discordância do próprio processo de cotas - seja na noção de dívida histórica, da possibilidade de pagamento dessa dívida (se existir) ou o método mais adequado para tal. É a partir dessas impressões iniciais que um diálogo pode ser feito, buscando-se entender o outro e aprofundando raciocínios numa lógica do ensino-aprender. A partir da troca de experiências e impressões sobre o mundo, comprovamos ou não a hipótese. Este exercício é o que consideramos pertencente à polarização.

Se avançarmos ao extremismo, o debate se resume à adjetivação do “inimigo”, buscando ridicularizá-lo por discordar. Um caso emblemático aconteceu com o político Ciro Gomes, que ofendeu o

vereador Fernando Holiday (um dos criadores do MBL) por este não concordar com as cotas raciais. Holiday é um homem negro, gay e de direita, porém foi chamado de “capitão do mato” pelo simples fato de discordar. Holiday moveu uma ação contra Ciro Gomes e, em 2020, a justiça lhe deu ganho de causa. “É sobre a libertação dos negros da senzala do século 21: a senzala ideológica” (OLIVEIRA, 2020). E não é a primeira vez que Ciro apresenta um imaginário moralista supostamente superior sobre suas opiniões (FLOW, 2021)².

Esses embates não ocorrem apenas no Brasil. Outro caso é o da ativista americana trans e de direita, Blair White, que tece críticas à terceira onda feminista, ao movimento LGBT+, e ao que é chamado de “cultura do estupro” e, por esse fato, é

² Ciro Gomes, em entrevista ao Flow Podcast, ratificou a normalização de superioridade moral da esquerda (entre os minutos 36:45 - 37:34): “Aqui no Brasil tem um problema adicional. Quem normalmente reflete sobre isso, criticamente, e idealiza soluções - ainda que sofra muito, historicamente - é a esquerda. Não porque a esquerda tenha uma valoração, como eu acho. [É] pela mera ética de ser solidário. Eu me incomodo de ser feliz se o meu comunitário tá numa situação... tá aí, agora tá cedo, eu não aguento ver, um frio desse. Lá em Fortaleza é 28 graus o ano inteiro, mas você andar em São Paulo, o lugar mais rico da América Latina e vê essas milhares de pessoas com frio, dormindo nessa noite debaixo do viaduto. Então, é um sentido ético *superior*”.



acusada de transfobia. No vídeo *The Woke White Saviors of TikTok* (BLAIRE WHITE, 2021), ela afirma:

So, who are the Woke White Saviors? These are people that are so deep in the woke sauce [...] that are basically just so woke and trying so hard to prove that they are not racist or they are not anti-Lgbt that they actually end up being racist and being anti-Lgbt. It's like a pendulum effect, you know? The type who thinks so little of minorities and are racist via soft expectations [...] or the ones that will scream from the rooftop that all white people are racist, just projecting their own internal feelings. [...] These people have severe savior complexes they think they know the answers to all of minorities problems even better than minorities themselves, like they know the struggle better than the actual minority. This can also be applied to people who are not trans calling me transphobic for having opinions on my own experience.³

³ Tradução nossa: Quem são os Salvadores Brancos que Acordaram [Woke White Saviors]? São pessoas que estão muito imersas num... "tempero" do despertar [Woke "sauce"] [...] Basicamente estão tão acordados e tentando arduamente provar que não são racistas ou que não são anti-LGBT, que acabam sendo racistas e anti-LGBT. É como um pêndulo. É um tipo que pensa tão pouco sobre as minorias que se torna racista por causa de suas poucas expectativas [...] ou são aqueles que gritam de seus telhados que todas as pessoas brancas são racistas porque projetam seus próprios sentimentos internos. [...] Essas pessoas têm um complexo severo de Salvador, e acham que sabem as respostas para todos os problemas das minorias, até mais do que as próprias minorias, como se soubessem melhor das dificuldades da própria minoria. Isso se aplica às pessoas

É esse fenômeno descrito por Blair White que Holiday chamou de "senzala ideológica". E é nessa tensão que o trabalho de Arthur do Val se insere.

Nessa dinâmica, há uma tentativa de inverter um *status quo* no qual considera o fato de alguém ser de direita como vilão. Palavras-chave como conservador, reacionário, neoliberal ou extrema-direita fazem parte deste imaginário construído para desqualificar (BITTENCOURT, 2020) (RIBEIRO; DEMORI, 2020).

Salientamos a palavra extrema, que neste contexto melodramático possui um grande peso. No Brasil, podemos citar outros dois casos de violência: o primeiro foi o da exibição do filme **O Jardim das Aflições** (Josias Teófilo, 2017) na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em teoria, o espaço universitário acolheria o filme. Mesmo diante de divergências quanto ao que se pensa sobre Olavo de Carvalho, sobre Josias Teófilo ou sobre a qualidade do filme em seus elementos fílmicos, a palavra "Universidade" deriva de *universitas*, que significa totalidade, conjunto, comunidade, portanto, um ambiente no qual o conhecimento se edifica a partir de vários pontos de vista, referências e autores. Na prática, no entanto, ocorreu um episódio de violência nos corredores da universidade (MARKPSO, 2017) e o diretor afirma em entrevista que "Aí

que não são trans me chamando de transfóbica por causa da minha própria experiência.



começou a pancadaria, vi gente saindo sangrando. Um deles trazia um porrete" (FIORATTI; GENESTRI, 2017); o segundo caso é o do professor de Filosofia, Rodrigo Jungmann, também da UFPE, no qual opositores das ideias do professor (que é de direita) invadiram seu gabinete e depredaram patrimônio público e privado, o que o obrigou a colocar grades para impedir o acesso (QUARTO, 2016). Rodrigo Jungmann salienta outros ataques:

Com efeito, é de se lamentar que a UFPE se mostre tão enamorada do pluralismo de ideias só depois do vexame nacional a que foi submetida. Fico a pensar com os meus botões onde estava esse apreço ao pluralismo quando, em maio de 2016, um evento sobre Marxismo Cultural, proposto por alguns alunos e prontamente encampado por mim, foi intempestivamente interrompido por uma docente do departamento de antropologia e seus apoiadores, pelo simples motivo de que não toleraram críticas ao pensamento de esquerda. Não recebi de meus pares, a propósito, qualquer apoio claro ou solidariedade digna de nota (JAMILDO, 2017).

Ao se adjetivar quem é de direita por definição como extremista ou seus derivados, fica nítida a falácia do Envenenamento do poço (GODOY, 2019), isto é, aquela na qual se tenta desqualificar o interlocutor antes mesmo que este possa articular suas opiniões.

Como explicita Silva (2021):

Quando alguém diz "a minha ideologia", orgulha-se do que pensa; quando se trata

da ideologia do outro, tudo muda de figura. O elogio vira ataque, ofensa, desqualificação. No extremo, ideologia é o pensamento do outro, esse ignorante submetido às ideias que defende sem perceber o quanto elas o escravizam e condenam. A ideologia, como entidade dogmática e poderosa, não fala. Faz falar. Não silencia. Cala. Não liberta, aprisiona. Não ilumina. Obscurece (2021, p. 46).

Para cada grupo social que traz valores morais a serem seguidos - e, conseqüentemente, outros valores que devem ser ignorados/descartados - Arthur do Val ratifica (como veremos mais adiante na análise dos vídeos) o discurso de que, para os grupos de manifestantes, a desqualificação prévia é indício de que há uma corrente antidemocrática nesses grupos, os quais dizem defensores da democracia. Se a inclusão é uma bandeira política, os discursos de quem pensa diferente não estão incluídos na equação. Ou seja, grupos que organizam o mundo em polos melodramáticos (dominantes/dominados, exploradores/explorados, oprimidos/opressores) se contradizem ao se dizerem defensores da democracia (que pressupõe o contraditório como fonte legítima e passível de igual peso moral), e se contradizem, também, ao se dizerem defensores da inclusão (que por sua vez daria aos interlocutores uma gama de ideias, conceitos e pensadores divergentes). O que se apresenta é um dogmatismo filosófico, no qual é heresia discordar de supostas fontes/textos "sagrados", seguidos por ativistas-fidéis. Arthur do Val incorpora o



personagem que representa, desse ponto de vista, um pecador. E ao não se permitirem questionamentos rumo ao contraditório, os manifestantes - vistos em seus vídeos como uma massa uniforme - são hipócritas, que numa lógica melodramática tornam-se um exemplo a não ser seguido. Quem assiste aos vídeos observa manifestantes usando rótulos que desmerecem o outro de antemão, proferidos por aqueles que se dizem "democráticos" e advindos de um ambiente sem qualquer zelo com o pensamento plural.

Fernando Amed, doutor em História Social pela USP e autor do livro **Thomas Sowell: da obrigação moral de ser cético** (Thomas Sowell é sociólogo e economista liberal dos Estados Unidos) relata em entrevista como o ambiente acadêmico brasileiro carece tanto de diversidade de olhares políticos quanto de um ambiente acolhedor para tal:

Não se pode dizer que [Thomas Sowell] seja um intelectual perseguido, uma vez que o meio intelectual norte-americano, diferente do nosso, comporta espaços para as diferentes visões sobre esses temas já apontados. Assim, há horizonte político, universitário, editorial e de mídia para as ideias que Sowell expõe. Algo quase que **impensável** no Brasil. [...] acredito que veríamos os famosos argumentos *ad-hominem*. (CASTRO, 2016).

Segundo o autor, esta esquerda encampa uma visão estético-moral, unindo (à moda de Platão) o belo, o bem e o verdadeiro. Logo, se Thomas Sowell coloca

em dúvida tal posição, ele se torna um herege.

Para entendermos esse ambiente opressivo ao diferente, recorremos ao próprio Thomas Sowell em seu livro **Os intelectuais e a sociedade** (2011). Nesta obra, Sowell defende que um intelectual é aquele que trabalha as ideias como ocupação profissional, ou seja, escritores, acadêmicos e afins. Mesmo que engenheiros e neurocirurgiões precisem utilizar um exigente treino mental, o autor não lhes atribui a alcunha de intelectuais. Os engenheiros são operadores práticos das ideias em suas estruturas mecânicas e complexas. Já o "engenheiro social" tem baixíssima probabilidade de aplicar esquemas que criam ou defendem, e deixam tal trabalho para assistentes sociais, políticos e burocratas. "O resultado - o produto final - do trabalho do intelectual é constituído de ideias [...]. Adam Smith nunca administrou um negócio nem Karl Marx administrou um Gulag" (SOWELL, 2011, p. 18).

A partir da criação das ideias pelos intelectuais de "primeiro escalão", existe um outro grupo dedicado à sua disseminação, que responde em grande parte pelo corpo docente de professores, funcionários do judiciário, ativistas sociais, jornalistas etc. Sowell traz um exemplo: o padrão pelos quais engenheiros são julgados é externo. Se uma ponte ou prédio desaba, é tal fatalidade que norteará o julgamento. No entanto, testar ideias de um desconstrucionista se dá por meio da opinião de outros desconstrucionistas, em



relação à elegância, persuasão ou originalidade que apresenta. Não há teste externo. Caso não gostem de tais ideias, os intelectuais utilizam termos valorativos, como "simplista", "ultrapassado" ou, como o próprio Sowell cita, "reacionário". E é nisso que constitui o grande perigo de critérios puramente internos - podemos blindar ideias, instituindo métodos de validação meramente circulares. "A plausibilidade ou não que uma nova ideia incita depende do que cada um já tem incorporado como crença" (SOWELL, 2011, p. 24).

Frisemos a noção de circularidade, pois ela vai ao perfeito encontro do que Jason Brennan afirma na obra *Against Democracy* (2016). Brennan cita o intelectual Stuart Mill e sua pergunta sobre se a participação política enobrece ou corrompe a sociedade. Mill defendia que pessoas envolvidas em política teriam mentes mais afiadas, dedicadas ao bem comum e fora de interesses imediatistas. "Mill hoped political involvement would harden our minds yet soften our hearts"⁴ (BRENNAN, 2016, p. 2). Mas o intelectual não tinha evidência alguma do que dizia. No máximo, uma hipótese razoável. Mas hoje, quase 150 anos após a morte de Mill, temos os resultados. E segundo Brennan, até Mill concordaria que são largamente negativos. Citando Joseph Schumpeter, Brennan afirma: "The typical citizen drops down to a lower level of mental performance as soon as he enters the

political field. [...] He becomes a primitive again."⁵ (BRENNAN, 2016, p. 2).

Brennan argumenta que existem três tipos de cidadãos numa democracia:

1) *Hobbits*: esta nomenclatura se inspira na obra de fantasia de J. R. R. Tolkien. Nesse tipo, os cidadãos são apáticos e ignorantes sobre política. *Hobbits* preferente seguir suas vidas diárias e preferem não se envolver em quaisquer políticas partidárias ou teorias sobre espectros ideológicos;

2) *Hooligans*: esta nomenclatura se inspira nas violentas torcidas organizadas. São pessoas fãs de política e têm opiniões fixas. Conseguem apresentar argumentos sobre seus pontos de vista, mas não conseguem mostrar perspectivas alternativas, pois consomem muita informação perpassada por seu viés político. Tendem a procurar opiniões que já confirmem o que acreditam, e ignoram opiniões distintas. Sua opinião política faz parte de sua identidade e têm orgulho de fazer parte de grupos. Quem discorda é visto como mau, estúpido, ignorante e alienado;

3) *Vulcanos*: esta nomenclatura se inspira na espécie humanóide ficcional da série televisiva *Star Trek*. São aqueles que pensam racionalmente sobre política. Carregam opiniões baseadas em ciência política e filosofia, e conseguem apresentar outros pontos de vista, pois estão

⁴ Tradução nossa: Mill esperava que o envolvimento político endurecesse nossas mentes, mas suavizasse nossos corações.

⁵ Tradução nossa: O cidadão típico desce a um nível mais baixo de desempenho mental assim que entra no campo político. [...] Ele se torna alguém primitivo outra vez.



interessados em política de modo desapaixonado e não categorizam quem discorda como mau, ignorante ou correlatos.

Segundo Brennan, ninguém se encaixa exatamente em categoria única. Somos todos misturados. Ao unirmos as noções de Sowell e Brennan, chegamos na seguinte conclusão - Arthur do Val incorpora um *Hooligan* individual quando expõe o contraditório dos manifestantes para produzir uma imagem de alienação, enquanto manifestantes que cometem violência incorporam *Hooligans* contra quem pensa diferente. De seus respectivos pontos de vista, ambos são embaixadores do melhor caminho a ser seguido, e o outro é uma identidade arcaica e politicamente insuficiente. Porém, os vídeos de Arthur do Val apresentam um recurso valioso nessa lógica melodramática: o diálogo. Os manifestantes dogmáticos cometem violência contra o próprio ato de perguntar e, indo mais além, partem para o ataque físico, mostrando-se incapazes de sustentar uma sociedade contemporânea cuja base está no contraditório e no ser diferente. Qualquer respeito que preguem às diferenças indica ou sua incapacidade de compreender a si mesmos (ignorantes, portanto) ou na ousadia de dizer que discursam para enganar.

Os vídeos são montados com foco num imaginário: para se pensar que a violência contra Arthur do Val seja justificável, ratifica-se o ponto de vista do próprio Arthur do Val; caso se queira manter tal violência num *status* de "democracia", é

preciso carregar preconceitos cujo meio social se resume a repelir o diferente em favor de reprodução de si mesmo, ou seja, novamente a crítica de Arthur do Val é reiterada. Adaptando Schumpeter, já citado: *they become primitives again*.

Já no século XIX, o filósofo Arthur Schopenhauer manifestou críticas sobre o ensino universitário. Entendemos que sua crítica específica (à área de Filosofia) também pode se estender para outras dimensões do saber. O filósofo alemão reflete que, para o professor universitário, saber se um sistema é verdadeiro não é o foco principal, "apenas se ele [o sistema] pode harmonizar-se com as doutrinas da religião do Estado, com as intenções do governo e com opiniões dominantes da época" (SCHOPENHAUER *apud* EFUTURO [s.d], p. 2). É possível fazermos uma ligação entre os conceitos de Brennan e Schopenhauer, quando este profere:

Mas, não obstante, se o novo sistema se impusesse, se despertasse a atenção do público como instrutivo e contendo conclusões — e fosse por este considerado digno de estudo —, nesta mesma medida ele acabaria com a atenção, com o crédito e, o que é ainda pior, com a vendagem da filosofia habilitada para a cátedra. [...] Por isso, tal coisa não pode ocorrer, e aí tem de ser um por todos e todos por um. [...] Unânicos, porém, como irmãos de mesmo caráter e capacidade, os professores universitários tratam tal produção inoportuna como "mon avenue". Com o ar mais despreocupado, tomam o mais significativo como totalmente insignificante, o



profundamente pensado e presente por séculos como não merecedor de discussão, para então sufocá-lo. (SCHOPENHAUER *apud* EFUTURO, p. 2)

O *Hooligan* de Brennan está implícito nas expressões “um por todos e todos por um” e “unânicos”, na defesa de pautas/pensamentos de um grupo quase como *lobby* por um certo conhecimento acadêmico. Nesse sentido, multiplicam-se os relatos de pessoas que se dizem de direita e são perseguidas nesse ambiente: professores se sentem perseguidos (CORDEIRO, 2019); alunos se motivam em organizações para não ter medo de expor seus pensamentos (A GENTE, 2019); professor que fez um congresso sobre “Conservadorismo e Cultura”, teve o auditório invadido e precisou de escolta policial (REDAÇÃO, 2021); mensagens de ódio contra alunos cristãos (BERLANZA, 2018); ameaça de corte da bolsa de estudos contra estudantes que não comparecem às manifestações (CORDEIRO, 2019); entre tantos outros.

A esta altura, o ensaio aqui presente necessita discorrer sobre as bases que formam o que seria a chamada direita política, com foco especial sobre a auto percepção de Arthur do Val, que se considera um Liberal.

Para Bobbio (1995, p. 119), há quatro doutrinas: extrema-esquerda, centro-esquerda, centro-direita e extrema-direita. Indivíduos na centro-direita seriam os libertários e conservadores (estes se distinguem dos reacionários, porque

conservadores apreciam as instituições democráticas), ambos ligados à igualdade perante a lei, imparcialidade do juiz em sua aplicação e liberdade idêntica em um igualitarismo mínimo. Já na extrema-direita, há um movimento anti-igualitário e antiliberal. Especificamente sobre o Liberalismo, Bobbio (2000, p. 7-11) afirma que o liberal considera um dever a limitação do poder do Estado e suas funções, contrapondo ao Estado Absoluto e ao Estado que chamamos de social. Como corrente filosófica, o liberal deve considerar que todos os homens são dotados de certos direitos fundamentais, como vida, liberdade, segurança, felicidade. Em outras palavras, primeiro existe um indivíduo singular e de interesses específicos, e só depois uma sociedade, e não vice-versa.

Nas perguntas de Arthur do Val, é constante a apreciação por menos impostos, tributos ou quaisquer meios em que o Estado detém o controle, ao invés do livre mercado. E é nesse pêndulo Estado-Ruim/Livre-Mercado-Bom que muitos de seus vídeos são concebidos através do melodrama.

Um breve panorama do estudo sobre Melodrama

A partir da década de 1950, o melodrama se tornou objeto de pesquisa em sua relação com o cinema. O ambiente acadêmico e a crítica especializada incluíram o melodrama em sua variedade de autores e escolas. Brooks (1976) afirma que os princípios do melodrama remontam



à produção literária do século XVIII, XIX e gótica, e ao surgimento da novela. O melodrama no teatro francês se fundamenta em dois elementos: contexto histórico francês - no qual a Revolução Francesa proporcionou aos teatros populares encenarem peças para muitas pessoas, o que gerou o aumento de investimentos em obras mais elaboradas; e no ideal revolucionário, numa absorção de valores morais a partir das novas condições econômicas e sociais. Williams (2001) afirma que o melodrama vai além da ficção. Documentários e reportagens jornalísticas podem trazer elementos melodramáticos.

Se registros morais e emocionais são produzidos, se um trabalho nos convida a sentir compaixão pelas virtudes de vítimas atormentadas, se a trajetória da narrativa está ultimamente preocupada com a restauração e a encenação da virtude através da adversidade e do sofrimento, então o modo operante é o melodrama. (WILLIAMS, 2001, pág. 15 *apud* RODRIGUES, 2006)

Se há representação de um sujeito virtuoso que é vitimado, se pressupõe a abordagem melodramática dos fatos. A partir da ideia de **modo** melodramático, é possível um diálogo com outros gêneros. Existe uma imaginação consolidada a partir da abordagem melodramática de questões sociais, históricas e culturais. Também há características que constituem a noção de gênero, que se apropria e se combina com outros elementos. Assim, se estabelece o diálogo entre imaginação melodramática e modernidade, com histórias que

emocionam e causam identificação no público (inclusive, essa é a principal estratégia de filmes hollywoodianos: a definição clara de bandidos e mocinhos). Em outras palavras, o modo melodramático possibilita que o espectador adentre na narrativa a partir do uso adequado dos componentes do melodrama, mas ao mesmo tempo, podendo coexistir através do gênero melodrama - vitimização e criação de polaridades, as quais conduzem quem assiste. Segundo Xavier (2003), o melodrama concebe o mundo de modo mais simples e o personagem é colocado como vítima central da situação.

Há melodramas de esquerda e de direita, contrários ou favoráveis ao poder constituído, e o problema não está tanto numa inclinação francamente conservadora ou sentimentalmente revolucionária, mas no fato de que o gênero, por tradição, abriga e ao mesmo tempo simplifica as questões em pauta na sociedade, trabalhando a experiência dos injustiçados em termos de uma diatribe moral dirigida aos homens de má vontade. (XAVIER, 2003, pág. 93)

A situação se transforma numa via à fabulação para um sujeito que precisa de proteção. Queremos frisar o aspecto da fabulação, pois consideramos ser elemento basilar para a transformação do imaginário de quem assiste aos vídeos do canal Mamãe Falei. Singer (2001) traz diferentes modos da experiência realista, destacando: o objeto representado, o posicionamento do material que cada representação solicita ao espectador, e a manipulação desse material. O autor utiliza o termo realismo



diegético (*diegetic realism*), isto é, um modo que exhibe a representação de eventos da mesma maneira como ocorrem na vida cotidiana do público, em cenas com situações plausíveis. Vale notar que esse realismo diegético é aplicado na ficção, mas no caso do canal Mamãe Falei, há o aspecto documental. Enquanto a ficção busca esse "real palpável" - uma sensação de estar no lugar da personagem em um mundo plausível - a ida de Arthur do Val às manifestações pode fazer parte da vida cotidiana do brasileiro, isto é, surge como possibilidade plausível num mundo real captado pelas câmeras, e sendo documental, a força imagética se intensifica. O espectador realiza, através do vídeo, uma observação empírica dos eventos. As situações, para chamar a atenção, colocam o extraordinário e o espantoso dos acontecimentos. Existe o *pathos* comum ao melodramático.

O melodrama articula o excesso para capturar engajamentos afetivos e, como consequência, mobilizar a verossimilhança. Há normas morais a serem exercidas pelo indivíduo comum, e o modo melodramático ensina valores como vilania e virtude, fazendo-os se presentificarem nas imagens, personagens e corpos.

Vídeos do canal Mamãe Falei

O método utilizado neste ensaio foi o de selecionar dois vídeos principais e dois secundários. Os dois principais se referem a (1) uma manifestação de esquerda e (2) uma manifestação de direita. Os dois

secundários são analisados com o objetivo de auferir a repetição das mesmas estratégias melodramáticas e de montagem usadas por Arthur do Val, principalmente no ano de 2016, período de turbulência política com o processo de impeachment da então Presidente Dilma.

É importante notar que já no primeiro vídeo postado no canal, Arthur do Val antecipa suas abordagens e o modo como as apresenta através da alternância entre entrevistados e cortes no vídeo. Primeiro, focamos em várias partes deste primeiro vídeo do canal; mais adiante, ao longo do artigo, selecionamos segmentos-chave mais curtos em vídeos posteriores.

O *slogan* do canal Mamãe Falei é "Vamos questionar tudo", e é fazendo referência a esse ideário que suas estratégias irão se repetir.

O primeiro vídeo principal a ser analisado, no qual mostra Arthur do Val indo às manifestações, foi postado em 21/03/2016, intitulado **Testando a Militância Petista na manifestação pró-governo do dia 18 de Março** (MAMÃE FALEI, 2016b).

Entre 0:13 e 0:18, Arthur do Val se aproxima de algumas mulheres de camisa vermelha estampada com uma estrela branca e a sigla PT:

Manifestante: Tu é de esquerda?
[Na legenda: "É de esquerda?"]

Arthur: Se for de esquerda, você dá a palavra. Se não for, não dá?

A manifestante dá as costas e se afasta.

Manifestante: Não, só pra blog de esquerda.



[Na legenda: "Não, só pra blog de esquerda"]

O ostracismo fica evidente logo ao início do vídeo, preparando o espectador para os efeitos de sentido sobre a ausência de pluralidade de ideias. A mulher é mostrada como um arquétipo do *Hooligan*, cujo único entusiasmo é conversar com quem pertence ao mesmo grupo. Mais adiante no vídeo, entre 0:30 e 0:53, esse arquétipo é reforçado:

Arthur: Contra ou a favor do Lula na Casa Civil?

Mulher: Então, meio que foi um tiro no pé, né? Mas o foro privilegiado o Cunha também tem.

Arthur: Entendi.

Mulher: Então...

Arthur: Mas vamos esquecer o Cunha um pouco e...

Mulher cruza os braços.

Arthur: Cês são coxinhas, não são?

“Coxinha” é um termo pejorativo para se referir à pessoa que é de direita política. E não apenas esta desconfiança aparece duas vezes, como há um outro efeito de sentido nas próximas perguntas com outra mulher entrevistada:

Arthur: Contra ou a favor do Lula no Ministério da Casa Civil?

Mulher: Ah, a gente é a favor.

Arthur: São a favor. Qual que é a importância da Casa Civil para um país?

Mulher ri.

Mulher: Não sei.

O argumento implícito de Arthur do Val é de que as pessoas estão na rua,

manifestando-se a favor de uma decisão do governo, porém não sabem dos meandros básicos que envolvem aquela decisão. Frisamos a importância da montagem: é possível que logo após o “não sei”, a mulher explicasse seu ponto de vista? Sim, porém isso não é mostrado. São os efeitos de sentido dentro da lógica melodramática, que divide o entrevistador e os entrevistados entre “Quem sabe” e “Quem não sabe”, ratificando o sentido de serem ignorantes aqueles que respondem as perguntas.

Entre 6:27 e 6:37, Arthur do Val faz perguntas para uma manifestante do MST:

Arthur: Como é que vocês chegaram? Como que transportaram?

Manifestante do MST: A gente veio de ônibus.

Arthur: Foi bem transportado ou mal transportado?

Manifestante do MST afirma com a cabeça.

Manifestante do MST: Foi bem transportado.

Arthur: Não pagaram nada por isso?

Manifestante do MST: Não.

Arthur: Ah, então beleza. Brigado viu, gente.

No diálogo acima, o foco está nos custos do transporte utilizado pela militância, gerando outro efeito de sentido: há manifestantes que estão ali pagos com o dinheiro público para defender interesses partidários. Sendo Arthur do Val um liberal, como Milton Friedman, este mesmo é famoso pela frase: “não existe almoço grátis” (Dana, 2019), fazendo referência aos gastos sempre existirem, não importa a



atividade. Alguém falar que fez algo “de graça”, significa que outro alguém está pagando. Nesse caso, todos os contribuintes brasileiros pagam, em maior ou menor medida, para que manifestantes dos MST estejam em passeata. E logo após esse diálogo, Arthur do Val reafirma esse efeito de sentido repetindo o mesmo conjunto de perguntas para outro grupo de manifestantes do MST, que também confirmam a informação.

Consideramos haver um segmento-chave neste mesmo vídeo: entre 8:15 – 8:31. Arthur do Val se aproxima de um rapaz.

Arthur: As medidas da Dilma, as medidas que ela vem tomando...

Rapaz: Não, não é um governo ótimo assim, mas... é, tá, tá na média.

Arthur: Você é contra ou a favor, por exemplo, a CPMF?

Rapaz: CPMF? Lembra aí qual que é.

[Na legenda: CPMF? Lembra aí qual que é...]

Rapaz olha para o lado, como se conferindo com alguém fora do quadro.

[Corte]

Arthur: É um imposto que a gente... oi? Alguém fora do quadro parece querer interromper a entrevista.

Arthur: Ai, desculpa gente, desculpa, desculpa. Vai lá, vai lá. Tchau, gente, até mais.

No diálogo acima, gera-se um efeito de sentido sobre o militante. Este se mostra um tanto crítico ao governo, mas não sabe sobre uma pauta considerada “básica” pelo entrevistador. Porém, alguém interromper a entrevista ao final, nos leva para outras conclusões: à essa altura do vídeo, onde a

montagem realizou a confrontação de ideias através de perguntas e cortes, a interrupção parece ser proposital. A saída do rapaz da entrevista se justifica como uma espécie de fuga da confrontação. Outra vez, salientamos: o rapaz pode ter tido um compromisso real? Sem dúvidas, mas isso não é mostrado ou sequer questionado no vídeo. Fuga das perguntas é um trunfo que Arthur do Val traz como efeito de sentido.

No seguimento entre 8:47 e 9:30, Arthur do Val entrevista um homem sobre os temas abordados acima:

Arthur: Contra ou a favor do impeachment?

Homem: É... contra.

Arthur: Contra ou a favor o Lula na Casa Civil?

Homem: A favor.

Arthur: Qual que é a importância da Casa Civil para um país?

Homem: Bom, o Ministério que ele exerce... que ele, vai exercer, tem grande influência na gestão da presidente Dilma Rousseff.

Arthur: De que forma?

Homem: Porque...

[Corta]

Arthur: Contra ou a favor da CPMF?

Homem: Sou a favor da CPMF.

Arthur: Por que e o que que é a CPMF?

Homem: A CPMF é uma taxa, basicamente, sobre a saúde, se não me engano, que vai cobrir um dos rombos que... é... foi deixado pelo governo.

[Na legenda: "que vai cobrir um dos ROMBOS que foi deixado pelo governo"]

Arthur: E quem que paga essa taxa?

Homem: Nós.

[Corta]



Arthur: Parabéns. Era tudo que eu queria ouvir.

Aqui vemos o motivo que embasa os críticos de Arthur do Val: o corte no meio da resposta. A frase “Era tudo que eu queria ouvir” é flagrante quanto à sua satisfação em ter os objetivos atingidos: mostrar as contradições do entrevistado. “ROMBOS” está em caixa-alta, chamando a atenção para o fato do homem reconhecer que o governo deixou “rombos”, mas ainda assim mostrar-se em sua defesa.

Ao fim do vídeo, entre 9:54 e 10:04, a mulher da frase “Cês são coxinha, não são?” é mostrada novamente:

Arthur: Cê não fala com coxinha?

Mulher: Eu não falo... eu falo com coxinha.

Arthur: Então, fala comigo.

Mulher: Mas eu digo... o debate com coxinha é muito difícil.

Arthur: Muito difícil? Pessoal insiste em usar a lógica, não é verdade?

Mulher: Sim.

[Corta]

Apenas neste vídeo, podemos listar diversos efeitos de sentido:

(1) Não é porque pessoas supostamente lutam pela democracia com palavras, que suas ações são democráticas;

(2) Que pessoas que fazem parte destas manifestações preocupam-se demasiadamente com quem vão falar, ao invés de se focarem no argumento que defendem;

(3) Não é porque há centenas ou milhares de manifestantes reunidos que eles têm consciência do que defendem;

(4) Que há pessoas cuja motivação de estar na manifestação não tem relação com uma luta ideológica através da própria consciência, mas uma militância falsa e paga para simples aparência numérica;

(5) Pessoas defendem um governo acima de tudo, mesmo que elas próprias nem entendam as decisões erradas que este mesmo governo tomou;

(6) Que as perguntas de Arthur do Val escancaram esta ferida exposta, e se os manifestantes as soubessem de antemão, talvez nem estivessem ali;

(7) Em última instância, ser alguém de esquerda é ser alguém que não raciocina e não usa a lógica.

Podemos totalmente ou parcialmente concordar ou discordar dos pontos. Cada espectador traz consigo um conjunto único de experiências políticas. O olhar sobre o fenômeno sofre uma projeção ideológica: os detratores de Arthur do Val nada veem de construtivo no vídeo; os apoiadores incondicionais concordarão com tudo o que ele diz e faz. Porém, há aqueles que estão em busca, os *Vulcanos* em formação, e podem enxergar as estratégias de Arthur do Val como uma forma de confrontação necessária. Se unirmos esses *Vulcanos* em formação com a hipótese de que a direita é perseguida em seus pontos de vista, a própria coragem de Arthur do Val pode ser vista como um dever, cujo efeito de sentido é a representatividade deste grupo silenciado.



Essas mesmas estratégias de formação de sentido serão repetidas ao longo dos vídeos postados. Como exemplo, podemos acompanhar Arthur do Val entrevistando uma mulher no vídeo, postado em 19/04/2016, intitulado **Questionando Manifestantes Contra Impeachment 17/04**, entre 0:28 e 0:41:

Mulher: Qual a tua linha política?

Arthur: A minha linha, eu sou liberalista.

Mulher: Eu não sou. Sou comunista.

Arthur: A gente pode ter um bate-papo? Desvia o olhar, para o celular

Mulher: Não. Não vou fazer... o que falar com fascista agora, não.

[Legenda do vídeo: "Não, não vou fazer o que falar com fascista agora não"].

Arthur: Mas eu não sou fascista, eu sou liberal.

A mulher o encara. Arthur ri.

[Na legenda: "Olhar de ódio"]

Não há cortes entre as falas. Fica óbvia a tentativa de rotular o outro feito fascista como um **pré-juízo**, um modo de projetar uma imagem negativa contra quem discorda. Há uma defesa feroz por parte da mulher (*Hooligan*) de suas próprias ideias, como se estar diante do outro ensejasse, por si mesmo, uma espécie de ameaça. A existência do outro é um erro, e dar espaço – o mínimo que seja – para um diálogo, não significa aprendizado sobre perspectivas alternativas.

No vídeo postado em 03/05/2016, **Questionando Militância - Dia do Trabalho 1º de Maio** (MAMÃE FALEI, 2016d), seu início já é marcado pela violência dos manifestantes contra Arthur do Val e seus colegas de filmagem, mas

apenas ao final do vídeo é que são mostradas as agressões. Esse início serve para chamar a atenção para o que irá ocorrer, gerando uma antecipação no espectador sobre o clímax do conflito físico. Entre 7:00 e 7:17 acompanhamos:

Arthur está na rua. Um rapaz se aproxima da câmera e a empurra para o lado, fazendo a imagem balançar.

Rapaz: ...essa porra aí!

Cinegrafista: Não agride não, parceiro!
[Corte]

Cinegrafista: Não agride não, parceiro!
[Na legenda, a fala do rapaz agressor: "Você é fascistinha?"]

Arthur: Eu que sou fascista?

Rapaz dá um soco em Arthur. Outros manifestantes chegam para afastar o rapaz.

Cinegrafista: Agride não, parceiro!

A voz de algum manifestante: Cuzão, fascista de merda!

O efeito de sentido é exposto por Arthur do Val: o fascista, mais do que qualquer aspecto restritamente histórico, é alguém capaz de agir com truculência. Nesse caso, fascista é sinônimo de qualquer pessoa autoritária que se utiliza da violência (física, inclusive) para intimidar e silenciar o outro. Os dois polos melodramáticos estão montados: de um lado, Arthur do Val e seus colegas de filmagem, realizando perguntas; do outro, o rapaz manifestante que parte para a agressão física por ser uma figura de contradição: se tivesse argumentos, os privilegiária; partindo para a agressão e xingando a vítima como fascista está apenas descrevendo a si mesmo.



Agora, partiremos para o segundo vídeo principal deste ensaio: uma passeata pró-Bolsonaro. Vale lembrar que nas eleições presidenciais de 2018, Arthur do Val e o MBL chegaram a apoiar Bolsonaro no segundo turno (APOIAMOS, 2021) contra Fernando Haddad, do PT. Porém, com as medidas tomadas pelo presidente da república eleito, eles romperam seu apoio por considerarem que “Bolsonaro está fazendo tudo o que o PT iria fazer” (JORDÃO, 2021). A ida à passeada se deu juntamente com o Youtuber Nando Moura, no vídeo postado em 09/09/2021, intitulado **Crossover: Arthur do Val x Nando Moura - Parte1** (MAMÃE FALEI, 2021), entre 8:36 - 9:48:

Arthur: O que a senhora acha de funcionário que saca 90% do salário em dinheiro?

Senhora: Olha, possivelmente... eu acho... que é lavagem, né?

Arthur: O que a senhora acha de um funcionário que trabalhava no Rio [de Janeiro], mas morava em Minas Gerais e nunca aparecia?

Senhora: Comissionado cê sabe, em todas as esferas tem gente que nunca apareceu.

Nando Moura: Mas a senhora não acha errado o filho do presidente fazer isso?

Senhora: Fazer o quê?

Nando Moura: Fazer com que seus próprios funcionários dessem pra ele 80% do salário.

A senhora pensa.

Senhora: Então, isso aí é esquema do comissionado. É alianças que ele pode...

Nando Moura: É crime, é rachadinha.

Senhora: Tá, é rachadinha, mas isso tem no Brasil.

Arthur: Então é normal?

Nando Moura: A senhora não acha que tem que acabar?

Senhora: Vem cá, vocês são Bolsonaro ou...

Arthur: Não! Nós somos contra o Bolsonaro.

Senhora: Ah, não. Acabou.

A senhora começa a se afastar.

Arthur: Mas a gente tá acabando de te mostrar esquemas de corrup...

Senhora: Deixa eu te falar uma coisa. Eu sou radicalmente Bolsonaro.

Arthur aponta para a bandana na testa da senhora com o nome BOLSONARO.

Arthur: Tô vendo aqui.

Senhora: Eu não quero conversa.

Arthur: Mesmo que ele roube?

Senhora: Eu não quero conversa, ele não rouba.

A Senhora se afasta.

Também podemos perceber o arquétipo do *Hooligan*. Em outros vídeos do canal, tanto à esquerda quanto à direita, Arthur do Val faz perguntas sobre a conduta de algum adversário político daquele militante, para logo depois relevar que, na verdade, quem falou ou fez o absurdo é sua figura defendida. No caso do vídeo acima, a senhora é levada a crer que são seus adversários que fazem corrupção, lavagem ou cometem os crimes. Quando Arthur do Val revela o nome de Bolsonaro, ela parte em defesa de suas ideias e utiliza a palavra-chave: “radicalmente”.

Mais do que um mero efeito de sentido de se levar o outro ao erro por ser um ignorante (estratégia essa repetida ao longo dos vídeos), podemos também extrapolar esta interpretação: o primeiro vídeo do canal Mamãe Falei é de 2016, enquanto esse último é de 2021. O slogan do canal é



“Vamos questionar tudo”. Onde está o questionamento desta direita que parece ser o espelho da esquerda que critica? Esse efeito de sentido é profundo. Não basta criar uma direita em forma de *Hooligan*, mas uma que incorpora o *Vulcano*. Se é para levar adiante questionamentos, que sirvam para todos os lados.

Considerações finais

A montagem dos vídeos no canal Mamãe Falei é feita através de uma dialética melodramática. Porém, se levarmos em conta que o debate público contra a direita também é carregado por essa mesma dialética de apelo ao *pathos*, Arthur do Val soube aproveitar os recursos retóricos ao seu favor durante suas idas às manifestações.

Por causa da abordagem em seus vídeos, que foge de um academicismo filosófico e

literário, e que parte para a ação através de entrevistas e montagem dialética, reafirmamos a hipótese de Arthur do Val se tornou um dos maiores representantes da direita no Brasil.

Por causa da brevidade deste artigo, não foi possível analisar estas estratégias midiáticas de Arthur do Val com textos teóricos referenciais da chamada “Nova Direita” (CEPÊDA, 2018), ou o cruzamento das informações dos vídeos do canal Mamãe Falei com a opção política e didática de professores em sala de aula (PACIEVITCH; CERRI, 2016), o que renderia outro ensaio à parte. As análises aqui descritas sobre os efeitos de sentido não esgotam o debate. Pelo contrário, o ampliam numa direção de entendimento sobre o que significa ser de direita no Brasil, as ações deste grupo político e suas subdivisões internas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A GENTE se sente acuado na universidade, o que impera é o pensamento esquerdista”, revela aluno da UnB. **Jornal da Cidade**, 01 de dez. 2019. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/17564/a-gente-se-sente-acuado-na-universidade-o-que-impera-e-o-pensamento-esquerdista-revela-aluno-da-unb-veja-o-video>.

Acesso em: 10 de fev. 2022.

APOIAMOS Bolsonaro e nos arrependemos', diz Arthur do Val sobre MBL em atos de 12 de setembro. **UOL**, 10 de set. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/videos/2021/09/10/apoiamos-bolsonaro-e-nos-arrependemos-diz-arthur-do-val-sobre-mbl-em-protestos-de-12-de-setembro.htm>. Acesso em: 10 fev. 2022.

BERLANZA, L. “Polícia ideológica” e perseguição política: ambiente sombrio em universidade cearense. **Instituto Liberal**, 05 de dez. 2018. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/policia-ideologica-perseguiacao-politica-ambiente-sombrio-em-universidade-cearense/>. Acesso em: 10 de fev. 2022.

BITTENCOURT, J. Arthur do Val, o “Mãe Falei”, vende cadernos com seu autógrafo no site do MBL. **Revista Forum**, 10 de jan. 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2020/1/10/arthur-do-val-mame-falei-vende-cadernos-com-seu-autografo-no-site-do-mbl-67197.html>. Acesso em: 05 de dez. 2021.

BLAIRE WHITE. The Woke White Saviors of TikTok. **Youtube**, 08 de jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=70wdfkGjNpE>. Acesso em: 05 de dez. 2021.

BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**, vol. 1. Brasília: Editora UNB, 1983.

_____. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

_____. **Liberalismo e democracia.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

BRENNAN, J. **Against Democracy.** New Jersey: Princeton University Press, 2016.

BROOKS, P. **Melodramatic Imagination: Balzac, Henry James, Melodrama and the Mode of Excess.** New Haven and London: Yale University Press, 1976.



CASTRO, E. Fernando Amed: “As reflexões de Thomas Sowell abririam grandes perspectivas no Brasil”. **Fausto Mag**, 21 de nov. 2016. Disponível em: <https://faustomag.com/fernando-amed-as-reflexoes-de-thomas-sowell-abririam-grandes-perspectivas-no-brasil/>. Acesso em: 05 de jan. 2022.

CEPÊDA, V. A. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **MEDIAÇÕES**, Londrina, v. 23, n. 2, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34801/pdf>. Acesso em: 13 de dez. 2021.

CORDEIRO, T. Perseguidos, universitários de direita contam suas histórias. **Gazeta do Povo**, 04 de jun. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/perseguidos-universitarios-de-direita-contam-suas-historias/>. Acesso em: 10 de fev. 2022.

DANA, S. Não existe almoço grátis? Como as pessoas reagem a coisas de graça. **G1**, 30 de jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/educacao-financeira/blog/samy-dana/post/2019/06/30/nao-existe-almoco-gratis-como-as-pessoas-reagem-a-coisas-de-graca.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FIORATTI, G; GENESTRI, G. Exibição de filme sobre Olavo de Carvalho acaba em confronto na UFPE. **Folha de São Paulo**, 27 de out. de 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1931050-exibicao-de-filme-sobre-olavo-de-carvalho-acaba-em-confronto-na-ufpe.shtml>. Acesso em: 10 de dez. de 2021.

FLOW Podcast. CIRO GOMES - Flow Podcast #397. **Youtube**, 20 de jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n6vVIG8raXY>. Acesso em: 05 de dez. 2021.

GODOY, W. Envenenar o poço. **Filosofia na escola**, 5 de ago. 2019. Disponível em: <https://filosofianaescola.com/falacias/envenenar-o-poco>. Acesso em: 05 de jan. 2022.

JAMILDO. Professor da UFPE explica perseguições no meio universitário. **Jornal do Comercio**, 5 de nov. 2017. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/jamildo/2017/11/05/professor-da-ufpe-explica-perseguiacoes-no-meio-universitario/index.html>. Acesso em: 05 de jan. 2022.

JORDÃO, P. Arthur do Val: “Bolsonaro está fazendo tudo o que o PT iria fazer”. **IG**, 16 de maio 2021. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/dialogos/2021-05-16/deputado-estadual-sp-arthur-do-val-entrevista-bolsonaro-e-pt.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.



MAMÃE FALEI. Duas conversas inteiras na UFRGS. **Youtube**, 15 de nov. 2016a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u8taDRnyh20>. Acesso em: 03 de dez. 2021.

_____. Testando a Militância Petista na manifestação pró-governo do dia 18 de Março. **Youtube**, 21 de mar. 2016b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=58yys1cACYg&list=PLsZOgQhid7qCEndxny8XAp58oS1E1fRah&index=32>. Acesso em: 05 de jan. 2022.

_____. Questionando Manifestantes Contra Impeachment 17/04. **Youtube**, 19 de abr. 2016c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4yeI1iEr4A0>. Acesso em: 03 de dez. 2021.

_____. Questionando Militância - Dia do Trabalho 1º de Maio. **Youtube**, 03 de maio 2016d. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BF_ksvYFhBA. Acesso em: 03 de dez. 2021.

_____. Crossover: Arthur do Val x Nando Moura - Parte1. **Youtube**, 09 de set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=erMG6cMZdjs&list=PLsZOgQhid7qCEndxny8XAp58oS1E1fRah>. Acesso em: 05 de dez. 2021.

MARKPSO. Exibição de FILME sobre OLAVO de Carvalho TERMINA em BRIGA na UFPE. **Youtube**, 27 de out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qnk7RRhPCUM>. Acesso em: 05 de dez. 2021.

OLIVEIRA, M. Holiday: penhora de picape de Ciro é libertação de "senzala ideológica". **UOL**, 27 de jan. 2020. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/01/27/holiday-diz-que-vitoria-contra-ciro-e-libertacao-de-senzala-ideologica.htm>. Acesso em: 05 de jan. 2022.

ORWELL, G. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PACIEVITCH, C; CERRI, L. F. Esquerda ou direita? Professores, opção política e didática da história; **ANTÍTESES**, v. 9, n. 18, jul./dez. 2016. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/22412>. Acesso em: 13 de dez. 2021.



QUARTO Acaso. Revolta Docente: Sobre a invasão à sala do D.r Jungmann. **Youtube**, 22 de dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uv12xvdGWyY>. Acesso em 10 de jan. 2022.

PRÊMIO Influenciadores digitais. **Influenciadores digitais 2021**. Disponível em: <https://www.premioinfluenciadores.com.br/>. Acesso em 05 de jan. 2022.

REDAÇÃO. Professores “de direita” perseguidos contam suas histórias: “precisei de escolta policial”. **Altavista**, 20 de out. 2021. Disponível em: <https://altavista.news/professores-de-direita-perseguidos-contam-suas-historias-precisei-de-escolta-policial/>. Acesso em: 10 de fev. 2022.

REIS, R.; ZANETTI, D.; e FRIZZERA, L. ALGORITMOS E DESINFORMAÇÃO: O papel do YouTube no cenário político brasileiro. **COMPOLÍTICA**, 8, 2019, Brasília. **Anais do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**, Brasília: UnB - FAC, 2019. Disponível em: <https://doity.com.br/compolitica2019/blog/trabalhos-aprovado>. Acesso em: 05 jan. 2022

RIBEIRO, P. V.; DEMORI, L. "Eu inventei aqui". **The Intercept**, 28 de set. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/09/28/mamae-falei-mbl-crime-jovem-pan-panico/>. Acesso em: 05 dez. 2020.

RODRIGUES, Virginia Jorge Silva. Coração de Ouro: O cinema melodramático de Lars Von Trier. 2006. 231f. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Bahia.

SCHOPENHAUER. A. Sobre a filosofia universitária. **EFUTURO**, [s.d]. Disponível em: <https://www.efuturo.com.br/materialbibliotecaonline/3503Sobre-a-filosofia-universitaria.pdf>. Acesso em: 10 de fev. 2022.

SILVA, J. M. O paradoxo da ideologia. **MATRIZES**, São Paulo, v. 15, n. 1, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matriz/es/article/view/180203/172229>. Acesso em: 13 de dez. 2021.

SINGER, B. **Melodrama and Modernity: Early Sensational Cinema and Its Contexts**. New York: Columbia University Press, 1991.

SOWELL, T. **Os intelectuais e a sociedade**. São Paulo: É realizações, 2011.



WILLIAMS, L. **Playing the Race Card**: Melodramas of Black and Withe from Uncle Tom to O.J. Simpsons. Estados Unidos da América: Princeton University Press, 2001.

XAVIER, I. **O Olhar e a Cena**: Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

¹ Doutorando em Letras, Escrita Criativa, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM), em São Paulo, SP, Brasil; graduado em Produção Multimídia: Design de Animação pela mesma instituição. Professor no curso Técnico Integrado em Multimídia, no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Desenvolve pesquisa nas áreas de Narrativa, Melodrama, Audiovisual e Escrita Criativa.